

SILVA, E. D. da; GUEDES, S. M. R. O que (não) pensar ao ensinar e aprender línguas na contemporaneidade: (In) certezas dos percursos. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, Cuiabá, v. 3, n. 2, jul.-dez., 2018.

O QUE (NÃO) PENSAR AO ENSINAR E APRENDER LÍNGUAS NA CONTEMPORANEIDADE

(In) Certezas dos percursos

EDUARDO DIAS DA SILVA*
SÔNIA MARGARIDA RIBEIRO GUEDES**

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (PósLIT/UnB), Mestre pela mesma instituição no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PGLA/UnB) (2014). edu_france2004@yahoo.fr

** Possui mestrado e doutorado em Linguística também pela Universidade de Brasília (2010-2017). son.ninha@hotmail.com

RESUMO: Aprender e ensinar línguas não é algo fácil de fazer, mas sim é um grande desafio, imposto na contemporaneidade, para professores, alunos e instituições, tendo em vista, entre outros, as diversas abordagens, técnicas, métodos e teorias disponíveis. Pensando nisso, foi desenvolvido este trabalho que consiste em uma pesquisa qualitativa, no intuito de pensar quais trajetórias são possíveis nas (in)certezas do ensino e da aprendizagem de línguas, objetivando, com isso, sucesso na comunicação entre as pessoas, no mundo sem fronteiras linguísticas almejado na contemporaneidade. Percebeu-se, ao final desta pesquisa, que independentemente de como, quando, onde e porque, o ensino e a aprendizagem de línguas precisam estar focados nas necessidades interacionais e sociais dos seus alunos e só assim, traçar melhores percursos para alcançar o objetivo primordial do ensinar e aprender línguas: comunicação.

PALAVRAS-CHAVES: Contemporaneidade. Ensinar e aprender línguas. Interação. Comunicação. **1. INTRODUÇÃO**

Aprender uma língua significa mais do que tornar-se capaz de se comunicar nela. Deve significar também que a aprendizagem de conhecimentos a ela relacionados perpassa o saber utilizá-los de forma crítica e consciente em contextos comunicativos, mas não apenas, para a aquisição e na disseminação de novos conhecimentos, como elucidado por Silva (2017a; 2017b). Nesse sentido, de acordo com Tílio (2013, p.53,54):

Para que o aluno seja capaz de efetivamente se comunicar fora da sala de aula, é necessário que a prática na sala de aula seja relevante para a realidade do aluno. Para isso, a prática de sala de aula deve ser baseada em materiais autênticos, típicos da vida social do aluno, em excertos de linguagem contextualizados além da frase [...].

Nessa mesma perspectiva, a linguagem e a aprendizagem são concebidas neste trabalho, a qual se encaixa dentro de uma perspectiva sociointeracional, de acordo com Vygotsky (2009) e acolhida por Silva (2015a; 2016a; 2017a), ou seja, situadas socialmente e construídas em interações. Sob esse viés, “a linguagem encontra sua origem na necessidade de comunicação social das pessoas através das relações interpessoais (relações do sujeito com o meio e com o outro) e intrapessoais (internalização das relações no plano individual)” (SILVA, 2016a, p. 170). Logo, percebe-se que a aprendizagem é uma forma de participação social na qual ocorre a construção de conhecimento compartilhado. Sendo assim, Vygotsky (1998) interpretado por Tílio (2013, p. 55,56 assevera que:

Aprender uma língua [...] significa orientar e sensibilizar o aluno em relação ao mundo multilíngue e multicultural em que vive, conscientizando-o acerca de diferenças culturais e levando-o a respeitar mais outro e a conhecer melhor si mesmo, uma vez que é através do olhar do outro que aprendemos a nos conhecer melhor.

Ou em outros dizeres, reverberando Silva (2015a, p. 02), o qual considera que

[...] tal perspectiva de língua e linguagem que esta pesquisa é desenvolvida, indo além de uma concepção que considere a língua apenas no seu aspecto estrutural ou sistêmico. Abordamos, portanto, a língua como um processo dinâmico de construções. Por outra perspectiva, que trata a língua como uma atividade cognitiva ou apenas um sistema de representação, pode-se incorrer

no risco de outra redução, que a confina a sua condição exclusiva de fenômeno mental e sistema de representação conceitual.

Portanto, nesta pesquisa, advoga-se a favor de ressignificações de teorias e práticas, considerando o conflito, a imprecisão, a contradição e a incompletude como aspectos balizadores das reflexões traçadas acerca das relações humanas e desses com o ensino e a aprendizagem de línguas e da construção de conhecimento na sociedade contemporânea, sem a pretensão de ditar verdades únicas ou estabelecer soluções generalizantes para a diversidade de questões que se fazem presentes nos diversos contextos de ensino e de aprendizagem de línguas, como exemplificados por Rocha & Maciel (2013), Silva (2015a; 2017a), Tílio (2013), entre outros autores.

2. (IN)CERTEZAS DOS PERCURSOS

Ensinar uma língua é mais do que transferir conhecimentos, é criar relações com o conhecimento e com as pessoas envolvidas no processo que se propõe construir, de acordo com Silva (2016b). Tal afirmação desafia professores e pesquisadores a (re)pensar o ensino de línguas voltado para percepção da multiplicidade dos sujeitos.

Dessa forma, destaca-se, ainda conforme o mesmo autor, que o ensino de línguas tem relevância, enquanto possibilidade de reflexão sobre o mundo, em sua dimensão social e temporal, assim como sobre cada sujeito, em sua constituição singular, sendo o ambiente escolar um dos espaços, por excelência, dessa reflexão. Tal dinâmica só é possível com a abertura de brechas para a interlocução, na qual a interação seja prática central na relação pedagógica, segundo Schön (2000) e Silva (2017b).

A pesquisa, na e para a Educação Básica, nicho do qual advém o foco de interesse, é um instrumento enriquecedor do trabalho do professor, ainda mais do professor crítico-reflexivo, de acordo com Silva (2014a; 2014b; 2014c) e, por isso e como produto do conhecimento, a pesquisa, conseqüentemente, refletirá no processo de ensino-aprendizagem, já que ela está inserida nas atividades cotidianas do contexto do ambiente escolar, como elucidado por Justino (2013) e Silva (2017b).

O estudo em tela caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de acordo com Bauer e Gaskell (2013), posto que consiste na escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento e na variedade de abordagens e métodos.

Entende-se, neste estudo, pessoas/alunos/aprendentes como sujeitos multidimensionais e complexos¹ que aprendem dentro de um processo interacional e transdisciplinar, como elucidado por Morin (2002; 2003), Nicolescu (2001) e acatado por Silva (2017a; 2017b; 2016a; 2016b), entre outros autores. Compartilhando do mesmo pensamento, Moraes (2014, p. 60, 61) esclarece.

O sujeito em sua multidimensionalidade, não mais o reduzindo a uma hipertrofia cerebral, mas observando o que acontece em sua corporeidade, em seu emocional, em sua imaginação, como algo importante e significativo nos processos de construção do conhecimento. Um pensamento que resgata a integração corpo/mente, pensamento/sentimento, conhecimento/autoconhecimento e reconhecendo a importância da flexibilidade corporal, mental e espiritual nos processos de construção do conhecimento, bem como das atividades mais sutis relacionadas à intuição, à ética e à estética. É, portanto, um conhecimento que colabora para religar o que antes estava separado, que percebe que dentro de cada um de nós existe um microcosmo dialogando com os objetos do macrocosmo, com as disciplinas constitutivas dos diferentes níveis de realidade que nos cercam.

O ensino de línguas mediado pelos diversos métodos, técnicas, teorias e abordagens não podem negligenciar que a interação entre sujeitos e esses elementos com o mundo faz parte do universo humano, não somente para o ensino de línguas, mas para a sua vida de forma geral. Assim, conforme Silva (2015b, p.231), compete, não exclusivamente e nem de forma excludente, à Educação Básica:

¹ *Pensamento Complexo* de Morin (1990; 2003), no qual a complexidade é o seu conceito mais expressivo, é um princípio que permite ligar as coisas, os fenômenos, os eventos, implicando, portanto, uma tessitura comum que coloca como sendo inseparavelmente associados o indivíduo e o meio, a ordem e a desordem, o sujeito e o objeto, o Professor e o aluno e todos os demais tecidos que regem os acontecimentos, as ações e as interações que tecem a trama da vida, conforme Moraes (2014).

[...] proporcionar momentos prazerosos [...] que abarquem todo o contexto familiar e social em que o aluno está envolvido, potencializando a formação de um sujeito crítico e reflexivo, pois é necessário que as práticas do professor em sala de aula satisfaçam as necessidades reais do aluno, considerando-o participante ativo do seu processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996), o ensino de língua, na perspectiva estrangeira², tem seu caráter obrigatório somente a partir do sexto ano do ensino fundamental, de modo que não há proibição para sua oferta anterior a esse período escolar. Contudo, precisa-se ter a iniciativa, através de políticas públicas (municipais, distritais, estaduais e federais) para a implementação da oferta de línguas fora do período de escolarização, sem a obrigatoriedade de estar cursando o sexto ano, em diante; bem como de formação (inicial/continuada) de professores para atuar no ensino de línguas em suas diversas possibilidades (segunda, primeira, estrangeira, adicional, franca, etc.). Segundo a LDBEN (1996), em seus artigos primeiro e segundo,

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais
[...].

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

² Adota-se nessa pesquisa, tão somente, a nomenclatura de *ensino de línguas*, pois, acredita-se que através dos Interesses e dos objetivos a serem almejados por professores e aprendentes, o foco que rege o ensino e a aprendizagem podem ser (re)definidos, *a posteriori*. Para mais aprofundamento sobre as diversas distinções entre ensinar língua pelo prisma estrangeira, franca, internacional, segunda, primeira, natural, materna, adicional, etc., vide as pesquisas de Jordão (2013; 2014), de Siqueira (2011) e de Silva & Láscar-Alarcón (2016), dentre outras.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É trabalho de toda a sociedade, portanto, prover e promover o ensino de línguas de qualidade para todos anteriormente da obrigatoriedade imposta por lei, pois o mundo atual é caracterizado por um período de rápidas mudanças em diferentes contextos sociais. As várias transformações têm (res) significado novas formas de relacionamento, do trabalho e da vida social, conforme apontam Cope e Kalantzis (2000; 2006). Sendo assim, compreende-se que os ambientes escolares de Educação Básica, dentre outros, são lugares de instrução e socialização.

REFERÊNCIAS

COPE, B.; KALANTZIS, M. **Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures**. London: Routledge, 2000.

_____. **Learning by design**. Melbourne: Common Ground, 2006.

BAUER, M.; GASKELL, G. (Orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Vozes, 2013.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Base de Educação Nacional 9.394/96. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf> Acesso em: 31 mar. 2018.

JORDÃO, C. M. ILA – ILF – ILE – ILG: Quem dá conta? In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1. p. 13-40, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v14n1/a02v14n1.pdf>> Acesso em: 31 mar. 2018.

_____. Letramento crítico: complexidade e relativismo em discurso. In: ORTENZI, SILVA; CALVO & EL KADRI (Org.). Reflexões sobre ensino de línguas e formação de professores no Brasil. Campinas: Pontes, 2013.

JUSTINO, M. N. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e prática docentes**. Curitiba: Ibpex, 2013.

MORAES, M. C. Ludicidade e Transdisciplinaridade. In: **Revista entreideias**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 47-72, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/8540/8966>> Acesso em: 31 mar. 2018.

MORIN, E. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Tradução de Hermano Neves. Sintra/ Portugal: Publicações Europa América, 1990.

_____. **O método V - Humanidade da humanidade, a identidade humana**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 2001.

ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. (Org.). **Língua Estrangeira e Formação Cidadã**: por entre discursos e práticas. Campinas: Pontes Editores, 2013.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, E. D.; LÁRCAR-ALARCÓN, Y. G. Eu ensino, tu ensinas, ele ensina e nós aprendemos: diferenciação do ensino de português como língua materna (l1), segunda língua (l2) e língua estrangeira (le). In: **Revista Anhanguera**, Goiânia, v.16, n. 1, jan/dez. p. 43-51, 2016. Disponível em: <http://forproll.com/wp-content/uploads/2017/07/04_Eu-ensino-tu-ensinas_2016-43_51-2.pdf> Acesso em: 31 mar. 2018.

SILVA, E. D. **Atuação teatral e ensino de língua estrangeira**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017a.

_____. Aprender brincando ou brincando para aprender? Ludicidade e ensino de línguas estrangeiras na educação básica. In: ABUD, C. C. R. (Org.). **Ludicidade e educação**. Rio de Janeiro: Eulim, 2017b. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B4uYprBdP-V8QVY4RjVpYm91MHc/view>> Acesso em: 31 mar. 2018.

_____. Sequência didática para aquisição de português como segunda língua para estudantes surdos: uma proposta. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 6, p. 168-181, jan./jun. 2016a. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/606/329>> Acesso em: 31 mar. 2018.

_____. Professores em forma-e-ação: pensando mistérios cotidianos da relação pedagogia do letramento crítico em um centro universitário de línguas. In: SÁ, R. L.; SOUZA, E. M. F.; CRUZ, G. F. (Orgs.). **Educação crítica de profissionais da linguagem para além-mar**: políticas linguísticas, identidades, multiletramentos e transculturalidade. Campinas: Pontes Editores, 2016b.

_____. Eu e você, você e eu na língua: uma abordagem interacional para o ensino de língua estrangeira. In: **Revista de Letras**, Taguatinga, v. 8, n. 1, p. 1-13, 2015a. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/6185/4180>> Acesso em: 31 mar. 2018.

_____. Eu gosto do gosto de gostar de ler: a leitura como gênero discursivo na escola. In: **Revista UNIABEU**, Nilópolis, v. 6, n. 1, p. 230-243, janeiro-abril, 2015b. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/view/1624/pdf_368> Acesso em: 31 mar. 2018.

_____. **A-TUA-AÇÃO**: O texto teatral, o corpo e a voz como mediadores da apropriação da oralidade no ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira (Francês). Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). 106f. PPGLA/LET/UnB: Brasília, 2014a. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17176/1/2014_EduardoDiasdaSilva.pdf> Acesso em: 31 mar. 2018.

_____. Professor reflexivo na apropriação da oralidade no ensino-aprendizagem de língua estrangeira. In: **Revista Línguas & Letras**, Unioeste. v. 15, n. 31. 2014b. p. 1-20. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10226/8181>> Acesso em: 31 mar. 2018.

_____. Hermenêutica-fenomenológica como metodologia em Linguística Aplicada. In: **Revista Intertexto**, v. 7, n. 1, 2014c. p. 1-20. Disponível em: <<http://sitioanterior.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/822/849>> Acesso em: 31 mar. 2018.

TÍLIO, R. Repensando a abordagem comunicativa: multiletramentos em uma abordagem consciente e conscientizadora. In: ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. (Org.). **Língua Estrangeira e Formação Cidadã**: por entre discursos e práticas. Campinas: Pontes Editores, 2013.

SIQUEIRA, S. Inglês como Língua Franca: o desafio de ensinar um idioma desterritorializado. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L.C.S. & EL KADRI, M. S. (Orgs.). **Inglês como Língua Franca**: ensino-aprendizagem e formação de professores. Campinas: Pontes, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Jéferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

WHAT (NOT) TO THINK WHEN TEACHING AND LEARNING LANGUAGES IN THE CONTEMPORANEITY: (UN)CERTAINITIES OF ROUTES

ABSTRACT: Learning and teaching languages is not easy to do, but it is a challenge imposed in contemporary times for teachers, students and institutions, taking into account, among other things, the different approaches, techniques, methods and theories available. Thinking about this, this work was developed that consists of a qualitative research, in order to think about which trajectories are possible in the (in) certainties of the teaching and the learning of languages, aiming, with this, success in the communication between the people, in the world without linguistic boundaries sought in contemporary times. It was realized at the end of this research that regardless of how, when, where and why, language teaching and learning need to be focused on the interactional and social needs of its students and only thus, to draw better paths to reach the primary objective teaching and learning languages: communication.

KEYWORDS: Contemporaneity. Teaching and learning languages. Interaction. Communication.

Sobre os Autores:

Eduardo Dias da Silva



Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (PósLIT/UnB), Mestre pela mesma instituição no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PGLA/UnB) (2014), Especialista em Metodologia no Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER (2013), Licenciado em Letras - Língua Francesa e respectiva literatura pela Universidade de Brasília (2006) e em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (FACIBRA) (2015). Supervisor Acadêmico na área de língua francesa do Programa Permanente de Extensão UnB Idiomas (2009-2014). Pesquisador dos Grupos CNPq FORPROL e GIEL, membro da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) e da Associação de Professores de Francês do Distrito Federal (APFDF). Professor de Educação Básica na Secretária de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF (2014), ministrando aulas de francês língua estrangeira (FLE) no Centro Interescolar de Línguas de Sobradinho - CILSob/DF (2014-2015). Diretor fundador do Centro Interescolar de Línguas 01 do Paranoá (CIL Paranoá) de 2016 a 2017, pela mesma Secretaria. Tendo a Didática de Línguas, os Estudos sobre Oralidade em Língua Estrangeira, Teorias Curriculares, Ensino e aprendizagem de LE/L2, Práticas de Leitura, os Estudos sobre Gêneros Discursivos/Textuais, os (Multi)Letramentos e Transculturalidade em ambientes de ensino-aprendizagem, bem como a Formação de Professores como norteadoras das atividades e interesses de pesquisa e ensino em perspectiva transdisciplinar com a Linguística, a Linguística Aplicada (Crítica), a Literatura, a Educação e ciências afins. edu_france2004@yahoo.fr

Sônia Margarida Ribeiro Guedes



Graduada em Letras-Português e respectiva literatura pela Universidade de Brasília (2003) e especialista em Códigos e Linguagens com ênfase no ensino médio (2009). Possui mestrado e doutorado em Linguística também pela Universidade de Brasília (2010-2017). Atua como professora de língua portuguesa e literatura no ensino básico junto à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Possui experiência em docência superior na modalidade presencial e à distância, nas áreas de língua portuguesa e linguística. Presta Consultoria pedagógica em língua portuguesa junto ao Cespe/Cebraspe/UnB. Atua como revisora de textos de trabalhos acadêmicos em todas as áreas do conhecimento. Faz parte do grupo de pesquisa GECAL/UnB/CNPq, na qual compõe o Comitê Gestor. Atualmente está cursando o pós-doutorado em Linguística, tendo como foco metodologia(s) de ensino de português escrito para estudantes surdos e formação de professores bilíngues. son.ninha@hotmail.com